

Morabitanos com Letra Monetária B, e não só

Laulo Baptista



Sancho I -1185-1211

Sancho II -1223-1248

Afonso II -1211-1223



O Morabitino **B** atribuído a Braga e a D. Afonso Henriques, por Aragão em 1874, tem causado desde o séc. XIX, muita polémica, tanto sobre a oficina que o cunhou bem como ao reinado a que pertence, sendo hoje considerado falso e de duvidosa autenticidade pela maioria dos especialistas numismáticos portugueses, mesmo depois de muitos reparos e análises efectuadas ao metal precioso em que foram lavrados, por comparação com outros morabitanos que seu filho D. Sancho I, e seus netos mandaram cunhar.

A espécie do morabitino em ouro é perfeita e bela, a legenda é gravada em punções triangulares e, a cinzel para os restantes caracteres.

António Caetano de Sousa, no seu IV discurso da Genealogia da Casa Real Portuguesa, grande obra para o seu tempo, MDCC XXXVIII, tanto para a numismática como para a Sigilografia, ao apresentar a figura da moeda com a nº. 1, nos quadros de amostragem das estampas de que tinha conhecimento, umas que lhe pertenciam outras cedidas e fazendo parte da colecção do Marquês de Abrantes - à moeda ele dava o nome de Maravedim (Maravedi), nome dado por Castela, e que A . C . S., salienta que foi graças a Pedro Mariz, Presbitero e Bacharel em Canones e impressor régio da Universidade

de Coimbra, nomeado Guarda Mor da Livraria do Estudo que em 1602, que deu a notícia de se estabelecer de algum modo o preço do primeiro valor do marco de ouro e prata deste Reyno; porque nos diz que el Rei Sancho o I, mandara lavrar huma moeda de ouro chamada Maravedi e que sessenta destas moedas faziam hum Marco de Oiro. Viveu Pedro Mariz entre 1550 e faleceu a 15 de Novembro de 1615.

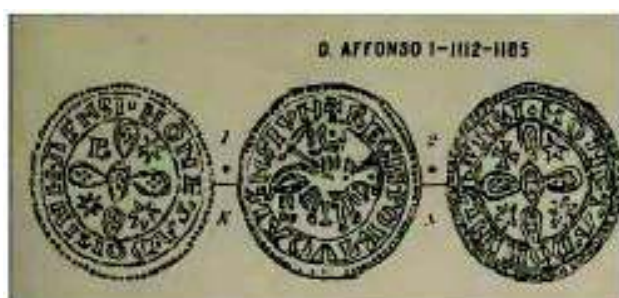
O autor ao apresentar a primeira gravura do morabitino, de que temos conhecimento foi Manoel Severim de Faria, no seu livro “Notícias de Portugal”, tomo IV, na 1ª. Edição escrita em 1655, Chantre da Sé de Évora e ao descrevê-lo dá-lhe o nome de “Dobras d’el Rei D. Sancho I”

Em 1762 descrevia João Bautista de Castro na sua obra “Mapa de Portugal, Antigo e Moderno”, pág. 187 do Tomo I, o seguinte: Maravedins ou Morabitino, foi moeda que introduziram no Reino os Mouros Almoravides ou Morabitos que significa “fieis”. Havia Maravedim de ouro que mandou lavrar El Rei D. Sancho I, com valor de 500 Reis. Os Maravedis Mouriscos não tinham mais que uns caracteres ou atributos de Deus de uma parte e de outra e o nome do Príncipe que os mandava abrir.

Manuel Bernardo Lopes Fernandes, nas Memórias das Moedas Correntes em Portugal desde os Romanos até 1856 ..., apresenta o Morabitino, atribuindo-lhe três nomes – MARAVEDI, Aureo ou SOLDADO DE OURO, e dizia que estes, os de D. Sancho I, seriam os Maravedis de ouro, novos, e muito vago a referenciá-los usando até os Soldos de oiro romanos para compará-los, diferenciando-os entre si pelo peso, mais à frente em mostragem de documentos já aparece a estampa e o nome de Morabitino, como se observa por este pequeno texto:

judicato. ... Daqui se vê, que mais de 200 annos antes que os Morabitinos entrassem em Hespanha, havia Maravedis nas terras que hoje são de Portugal. ... D. Sancho I alterou os Maravedis de ouro. ... Destes faz elle menção no seu Codicillo de 1188 por estas palavras: «— Mando presertim D., minor septem, morabitinos novos, quos habeo, et totas oves, et omnes porcos, quos habeo in Sanctarem dare in Missis

Teixeira de Aragão, em 1870 no Tomo I da sua grande obra, Descrição Geral e Histórica das Moedas Cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal, apresenta a estampa do morabitino com a seguinte legenda: MONETA . DOMINI . I . AFNSI e a letra **B** cantonada no 4º. Quadrante e no Reverso + REGIS . PORTVGALENSIVN, peso 74 grãos, um pouco cerceada, de 23 quilates (inédita) pertencente à colecção de Eduardo do Carmo, notícia e desenho fornecido pelo nosso amigo e colega Dr. Pedro Augusto Dias.



Como escreve na pág 144:

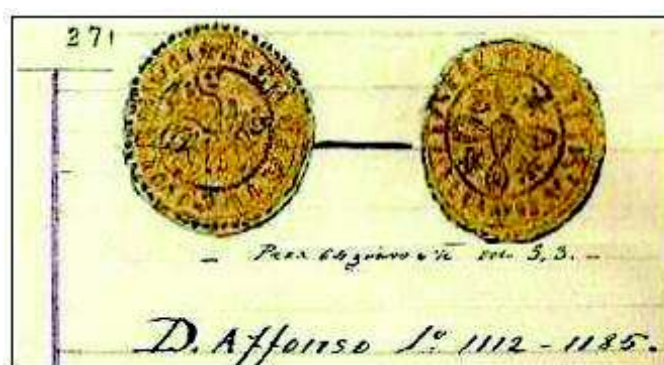
“durante muito tempo estivemos inclinados a admitir que a moeda de oiro portuguesa havia começado no reinado de D. Sancho I, levado por convencimento de que só em Castela no tempo de Afonso IX 1188-1230, teria sido

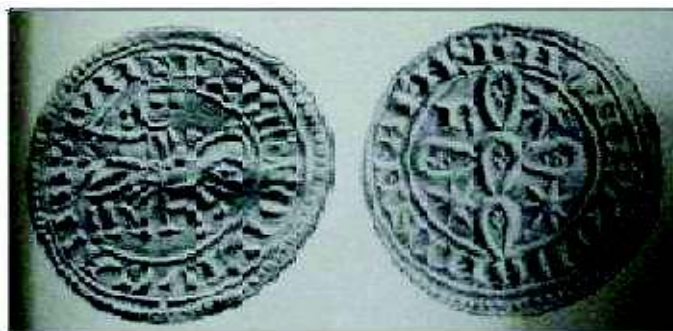
cunhada moeda deste metal, e, aquando da Exposição de Paris em 1867, atribuiu a Afonso Henriques a cunhagem da primeira moeda cristã “.

O exemplar hoje existente na colecção de Eduardo do Carmo, veio acabar com as dúvidas, e explicava – A legenda da moeda do senhor primeiro Afonso rei dos portugueses, dá indícios da Sé de Braga reconhecer o direito real de fabricação. O I depois do DOMINI deve ser tomado por primus ou Infans, mas a atribuição é sempre ao 1º. de Portugal, único que se intitidou também Infante.

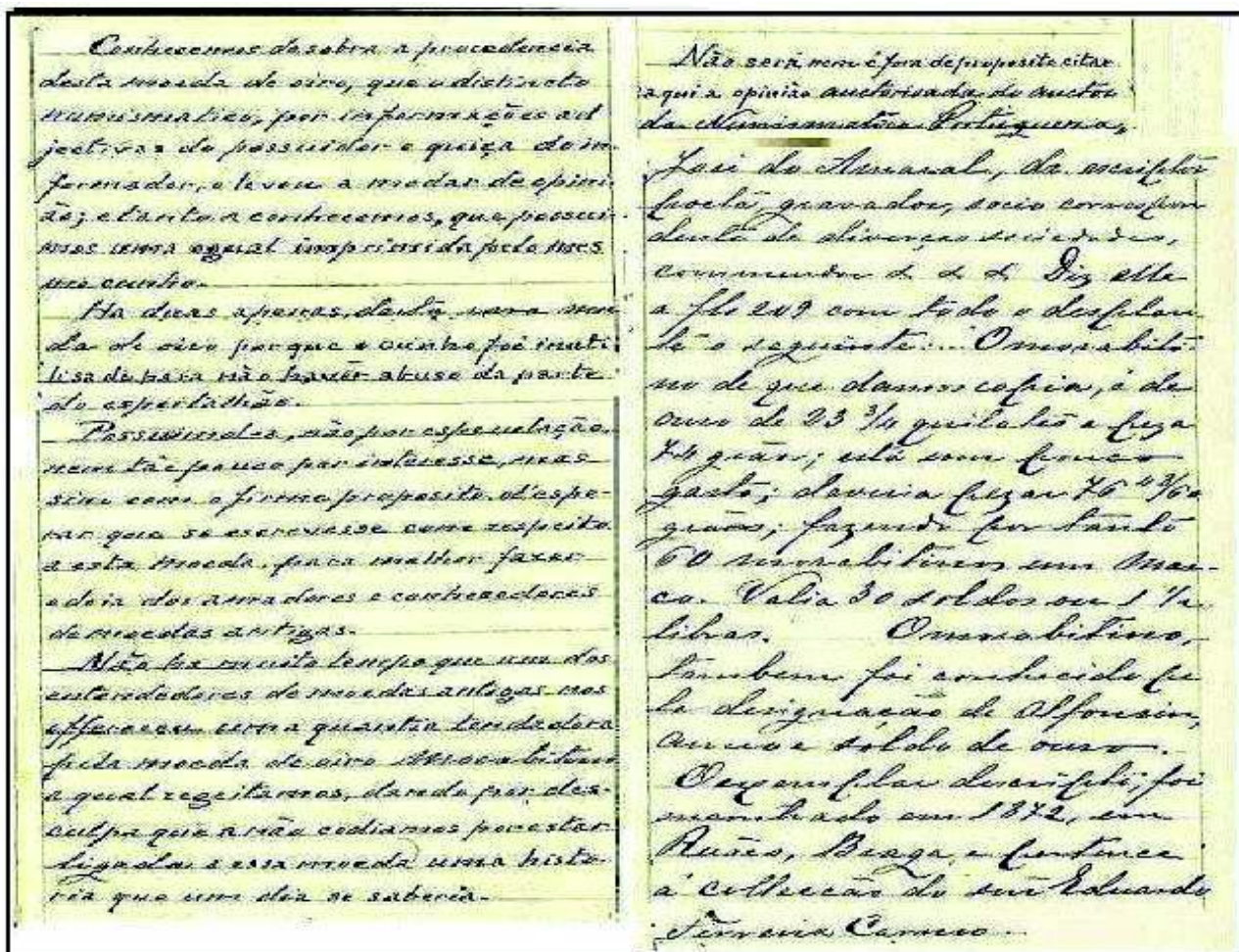
Sobre o morabitino – **B** (letra monetária atribuída a Braga), num confronto salutar de opiniões sobre a veracidade da moeda pertencer ou não a esta oficina e ao nosso primeiro rei, transcrevemos o que vem escrito num livro com anotações manuais que reproduzimos num pequeno apontamento:

Alberto Paashaus: *Pois bem, no começo do ano adquiri uma edição do Dicionário de Numismática Portuguesa, de José do Amaral Bandeira do Toro, impresso no Porto em 1884, encadernado com anotações manuscritas do antigo possuidor do livro, Alberto Coutinho da Silva Moraes Ele, Toro possuía uma e relata da falsidade da moeda já naquela época, diz que sabia ter comprado a moeda como falsa e aponta ao aldrabão o ter inutilizado o cunho para não se continuar a fabricação dos morabitinos falsos. Ele ainda diz saber da existência de apenas duas, contudo sabe-se que pelo menos de três do mesmo cunho existem.*





Morabitino de Eduardo do Carmo



No princípio do séc. XX, em o Archeólogo Português encontramos extraordinários trabalhos sobre diversos temas da Numismática Portuguesa e nos tabus que ainda continuavam a persistir, levando os grandes coleccionadores desta época a investigarem por tudo o que era sítio para tentarem clarificar o que de dúvida tinham deixado os autores do séc. XIX, com as suas enormes dificuldades por falta de documentação e as tecnologias para levarem a bom termo as obras a que se propunham realizar, por vezes sem o êxito esperado, mas, o

que conseguiram, deixaram-nos excelentes trabalhos no caso em si, José Ferreira Braga foi um desses grandes autores; é sobre o trabalho das moedas da 1ª. Dinastia sobre o morabitino de Braga com letra **B** que em 1917, faz reparo nas contrafacções que Aragão apronta nalgumas moedas portuguesas entre elas este morabitino dizendo que em 1856, Lopes Fernandes, referindo-se aos soldos, maravedis de Sancho I, afirma que nenhuma outra moeda portuguesa tinha encontrado, lavrada anteriormente.

Portanto o falsificador do exemplar que Teixeira de Aragão descreve sobre o nº. 1 (o tal com o B de Braga), como primeira moeda de oiro portuguesa, teve em mira aproveitar-se da notícia de Viterbo, mas levou a cabo a sua empresa com a mais requintada imperícia.

Repete a legenda nela inserida MONETA o DOMINI I AFNSI e, da análise que efectuou à moeda, diz: temos de observar em primeiro lugar, que nenhum monarca da primeira dinastia, fez colocar em seguida ao seu nome a indicação numérica, e muito menos se pode admitir esse facto em que Afonso Henriques, por não haver receio de confusão visto que era o primeiro e antes dele outro não houve com o mesmo nome em Portugal. Sabia Teixeira Aragão que esta moeda era clara e manifestamente apócrifa (que não é do autor a que se atribui), e que só depois de dois séculos que Afonso V, introduziu na legenda o número por extenso CRVZATVS : ALFONSI : QVINTI : REGI; prática que se seguiu no reinado seguinte, contradizendo-se (Aragão) em uma nota que se encontra na página 226 do Tomo I da sua obra já citada, tratando-se de cruzado de oiro de Afonso V se exprime nos seguintes termos: *«Este monarca foi o primeiro que em Portugal pôs nas moedas o número para as distinguir das dos seus antecessores do mesmo nome, começado esta prática nos cruzados»*.

Em segundo lugar temos a letra monetária B, colocada neste exemplar do morabitino nº. 1 da estampa, no intuito de lhe autenticar a proveniência o que é a prova provada da falsidade pelo facto das oficinas terem começado a gravar nas moedas as iniciais no tempo de D. Fernando, na sua dissertação vai apresentando factos e pormenores para justificar como o falsificador se aproveitou para reproduzir esta falsa moeda dizendo: os escudetes se naquele tempo fossem já usados teriam que ter a forma triangular como os do primeiro selo de cera pendente, que a História Genealógica o mostra. Quanto à legenda do reverso REGIS PORTVGALENSIVM, se tivesse sido cunhada na época em que Viterbo a apresenta, nenhum gravador daria o título de Rei a D. Afonso Henriques, antes da sua aclamação, isto é desde 1140 a 1185. Quando

se atribui à mesma moeda a data de 1128, em que foi autorizada a Sé de Braga a usufruir a Senhoriagem (proventos) com a cunhagem de moeda que o nosso rei autorizou para benefício das obras da Sé, é no testamento de Sancho I que se alia Portvgalensivm ao rei: Ego Sancivs Dei Gratia Portvgalensivm Rex e ainda em um que está pendente em uma doação feita em 1189 pelo mesmo monarca ao Mosteiro de Alcobaça no qual se lê: Sigillvm Domini Sancivs Regis Portvgalensivm, isto para justificar que só nesta época é que se usou esta fórmula.

Ferreira Braga, termina: São portanto bem manifestas as provas contra a autenticidade da primeira moeda descrita por Teixeira de Aragão, no reinado de D. Afonso Henriques, autenticidade que a nosso ver também não existe nas restantes que o ilustre numismata lhe atribui – termina com a informação que já atrás nos referimos de que a moeda nº. 1, mostrada na obra de T. Aragão, foi adquirida pelo notável coleccionador do Porto, Eduardo do Carmo e que a nº. 2, por Abílio Martins de Coimbra.

Não é demais realçar o testemunho da documentação, de Espanha, com a apresentação da primeira moeda de ouro cunhada com caracteres Cristianos, por Alfonso VIII, em 1184, em Toledo, tendo o cuidado e respeito de manter as legendas em árabe e as iniciais do rei ALF em latim. Lembrar que todo o sistema monetário português foi sempre copiado do Castelhana e não o contrário, e foi-o pelo menos até final do reinado de D. João I, onde a imitação das moedas foi uma constante.

Las primeras monedas cristianas... com textos em árabe

Pero, a finales del siglo XII, los reinos de taifas se liberaron de su obligación de pagar parias (desarrollaron un ejército equivalente al de los nortenos, vamos) y el rey de Castilla, Alfonso VIII, se vio obligado a crear su propia moneda ante el riesgo de paralización del comercio castellano.

Había nacido la primera moneda castellana.

Pero claro, no se puede crear una moneda desde cero y pretender que tenga prestigio. Lo más fácil es copiar una ya conocida. El maravedí árabe por ejemplo. Ventajas de unos tiempos en los que no existía la SGAE.

El maravedí castellano de Alfonso VIII era un plag... un homenaje del árabe. No sólo por tener la misma cantidad de oro (3.80 gramos)

sino que, al igual que las monedas islámicas, no tenían ilustraciones (por motivos religiosos, en el caso islámico). En vez de ilustraciones y de ponernos el típico careto del rey de turno, aquellos maravedíes estaban cubiertos por textos... en árabe. Que le vamos a hacer, una moneda en latín no sería igual de prestigiosa.



Tipo de moneda: MORABETINO (ORO) año: a partir de 1184

Ceca: Toledo

Peso: 3,90 gr.

Medida de 22 mm

Anverso: centro: PRINCIPE **DE** LOS CATOLICOS ALFONSO, HIJO **DE** SANCHE, AYUDALE DIOS Y PROTEGELE

Margen: FUE ACUÑADO ESTE DINAR EN EL AÑO 1223 **DE** LA ERA SAFARD

Reverso: centro: ALF IMAN **DE** LA IGLESIA DEL MESIAS, EL PAPA

Margen: EN EL NOMBRE DEL PADRE Y DE ESPIRITU SANTO EL QUE CREYERA E FUERA BAUTIZADO SE SALVARA

Una escritura toledana de febrero de 1173 nos dice que fue vendido un mesón en el barrio de San Ginés por precio «cabal de treinta mizcales de oro, del oro alfonsí, bueno de peso y de cuño», o de la ceca. Pío BELTRÁN VILLAGRASA: «Dos tesorillos de vellones ocultos en la primera época de Alfonso X», en *Obra Completa*, tomo II, Zaragoza, 1972, pp. 651-652 (publicado originalmente en *Numisma*, n.º XIV, 1968); el autor cree que esta escritura se refiere ya a los nuevos morabetinos alfonsís, con lo cual sus primeras acuñaciones pueden fecharse en el segundo semestre de 1172.



27 mm

3.75 g

Heiss, Aloiss

(1865) *Descripcion general de las monedas Hispano-Cristianas desde la invasion de los Arabes, I-III*, Madrid

Maravedi (morabitanos)
Alfonso IX (1188-1230)
Salamanca

real y león, señal propia del reino) y escrita en latín, pone en la leyenda del reverso una afirmación explícita en defensa de la Trinidad: IN NOMINE PATRIS ET FILII ET SPIRITUS SANCTI, mientras en la leyenda del anverso recupera la frase carolingia que legitimaba el poder del rey por su relación con la divinidad: FERNANDVS DEI GRATIA REX.



La misma leyenda trinitaria de la moneda leonesa la usa también su contemporáneo, Sancho I de Portugal (1185-1211), en el reverso de sus morabitinos de oro, donde aparece en el anverso la imagen del rey a caballo con la espada desenvainada y la leyenda SANCIVS REX PORTVGALIS, mientras en el reverso aparece el escudo del reino (quinas).



Ahora bien estos precedentes de finales del siglo XII no tuvieron continuidad en la numismática hispánica²⁰ más allá de los primeros años del siglo XIII y habrá que esperar casi un siglo para que reaparecieran leyendas religiosas en la moneda de estos reinos, mientras tanto en la segunda mitad del siglo XIII será el reino de Francia quien tomará el relevo en el uso de esta propaganda religiosa en las leyendas monetarias y quien pondrá de moda el uso de estas frases debido a una coyuntura política totalmente distinta, como ahora veremos.

²⁰ En Castilla el maravedí de oro dejó de acuñarse en tiempos del rey Enrique I (1214-1217), en el reino de León con Alfonso IX (1188-1230), y en Portugal esta serie terminará con Sancho II (1223-1248), aunque en este último reino hay una particularidad, y es que desde el reinado de Alfonso II (1211-1223) desaparece la leyenda religiosa antes comentada, siendo sustituida por una puramente política que hace referencia sólo al poder acuñador: "Moneta Domini Alfonsi Regis Portugalensium".

Através destes textos não ficam dúvidas de que antes de 1184, mesmo tendo D. Afonso Henriques ter falecido em 1185, D. Sancho I, foi aclamado rei não foram cunhadas moedas de ouro em Portugal com legendas em latim, foi só a partir deste reinado que os primeiros Morabitinos são batidos, como símbolo de soberania e entesouramento do reino, moeda que o Povo não a chegou a ver.

Maria José P. Ferro escreve:

Ferraro Vaz, coloca todas as espécies de ouro legendadas com " Moneta Domini Alfonsi" no reinado de Afonso II, justificando a sua

ausência do reinado do "Bolonhês", pela característica do metal amarelo.

.....após aparecimento esporádico da marca monetária no dinheiro de Coimbra! de Afonso Henriques e no morabitino de Braga de Afonso II, é com D. Fernando que as casas da moeda passam a gravar o seu sinal nas espécies cunhadas.

Foi a partir de Afonso III 1248-1279, que se passaram a fazer as contas pela Libra, apesar de alguma documentação referir ainda morabitinos.

Agostinho Ferreira Gambetta - Sobre as moedas do nosso primeiro rei – escreveu: De 1139 a 1185, não apareceu um só documento, moeda ou indício que seja prova real de moeda portuguesa, todas as provas são negativas ou contestáveis. Vem então uma notícia de bom foro documental, remontando ao reinado de D. Sancho I: a existência de uma oficina monetária em Coimbra, bem como a existência ali de um moedeiro e magistrado, o qual constitui uma linhagem. Porque os seus antecessores não se apresentam como moedeiros, há uma boa razão para situar logo no início do reinado uma fornaça regular de morabitanos de ouro, outra de dinheiros de bolhão de boa liga, e porque tal casa ou oficina não aparecia de repente, pode admitir-se, como vamos ver que D. Sancho I com os seus moedeiros pudesse ainda ter mandado fazer pelo menos, ensaios de moedas do pai e, porque não uma fornada regular de dinheiros de D. Afonso Henriques, a primeira que em Portugal faria a monarquia lusitana. Refere o nome do moedeiro que se chamava Pedro Pais, depois chamado da Maia, foi alferes e acompanhou o Infante D. Sancho na invasão da Andaluzia e que em 1180, devastavam Sevilha.

Cerca de 1145, nasceu Diogo Dias, filho de Gonçalo Gonçalves; foi ele moedeiro de Sancho I (1185-1211), foi magistrado da sua Casa da Moeda de Coimbra. Deve pois ter praticado os Ofícios de ensaiador e mestre da balança juntamente com os de vedor e tesoureiro...

É natural que D. Diogo houvesse acompanhado o sogro e o Infante D. Sancho I à Andaluzia e no assalto a Sevilha tivessem aprisionado e aliciado alguns moedeiros árabes. Podem ainda ter estado em Toledo onde moedeiros de origem árabe e ourives-judeus, praticavam. Ao fundarem a Casa da Moeda de Coimbra no Mosteiro de Santa Cruz entre 1180/1185, copiaram as moedas árabes, castelhanas e leonesas, adaptando-lhes a emblemática nacional. Diogo Dias deve ter nascido em Coimbra e associou o nome da terra ao seu nome e ficou designado Diogo Dias de Coimbra, formando uma linhagem de moedeiros que outra casa da moeda não devia

de haver e não houve até Afonso III. Assim os moedeiros nasciam privilegiados.

Este texto que resumimos de Ferreira Gambetta, vem clarificar o facto de estarmos na presença de duas oficinas que cunharam as primeiras moedas portuguesas, primeiro o documento de 1128 autorizando a Sé de Braga a cunhar moeda, se o fez no reinado de Afonso Henriques, foram dinheiros e foi só nesta data, enquanto Infante, o nosso monarca só se intitulou rei depois de Ourique, ano 1139, em segundo lugar aparece este documento que comprova a existência de outra oficina, já no tempo de D. Sancho I, ainda regente (1180-1185), ou já depois da morte do pai.

Assim, com base nestas citações o tal morabitano, REGIS PORTVGALENSIVN, e a tal letra monetária **B** de Braga, está desmascarada a sua falsidade logo à partida.

Do IV Encontro de Numismatas da Casa Sarmento realizado em Outubro de 1983, para estudo das Controversas Letras Incertas no Campo das Moedas Medievais Portuguesas, publicado na Revista de Guimarães, trabalho de Raul Pereira Gonçalves – repescamos algumas linhas desse excelente trabalho e no que diz : com respeito ao controverso morabitano **B** de Braga. Tornando-se Portugal independente de facto e de direito, Afonso Henriques não demorou a autorizar à Sé de Braga a cunhagem de moeda própria beneficiando dos seus proventos no seu fabrico... Naquela época, era o bilhão a liga de metal usado na cunhagem das moedas...

...à semelhança de Compostela, a Sé usufruía o mesmo privilégio, mas o morabitano com a letra **B** que mostra Aragão, com base no reverso, indício incontestável de o haver sido cunhado em Braga, mesmo não tendo encontrado documentação que o comprovem, o autor diz que estes indícios são o bastante para provar o lavramento dessa peça. Mantém essa convicção porque Aragão afirma que Portugal foi o primeiro reino cristão a fazê-lo ... apesar de o ter afirmado no seu livro em 1870, e daí para cá se tem progredido na investigação histórico/numismático, tem-se feito muitas correcções mas no **B** de Braga conserva-se

intocável, o autor logo de seguida pergunta: *então porque haveria o Cabido da Sé, de inscrever nas moedas o **B** se a moeda não tinha curso limitado à região mas sendo de boa lei podia correr em todo o reino? Não serão os morabitanos que ostentam no reverso o mais representativo dos sinais dos cristãos a Cruz de Cristo? Posta esta hipótese perguntamos a nós mesmos, qual o significado de **B**?*

Referenciando Batalha Reis, quanto ao primeiro, diz que inscreve no reinado do “Bolonhês” dois tipos de Morabitanos que Aragão e Ferraro Vaz os atribuem a seu pai, Afonso II.

Nenhum deles apresenta o controverso morabitino **B**.

Vem ainda o autor alinhar pela mesma convicção de Batalha Reis, que Afonso III, terá cunhado o numisma com a letra **B** e que será dele a peça em questão o que não quer dizer que Braga seja a sua terra natal. Termina dizendo que **B**, não seria uma letra monetária identificadora do local onde fora cunhada (Braga), mas sim sigla familiar como era ao tempo, muito usado pelos senhores feudais da Europa que se davam ao luxo de cunhar moeda.

José Miguel Noras sobre “As primeiras moedas de ouro de Portugal”, daqui extraímos pequenos apontamentos que definem a falsidade do morabitino **B** de Braga como a primeira moeda de ouro cunhada em Portugal, acrescentando: Consideramos os “célebres morabitanos de Braga”, como falsificações do século XIX, e que as primeiras moedas de ouro fidedignas (de que há notícias), são as de D. Sancho I. Não será descabido admitir que as primeiras emissões de morabitanos com o nome de Sancho I, tenham sido ordenadas entre 1185-1188, e aponta para a documentação castelhana (de 1172) e a leonesa de (de 1177). Estas referências não afastam ainda que bastante remotas de que Afonso Henriques tenha cunhado moedas de ouro.

De resto, recentemente atribuída a D. Afonso Henriques (no Catálogo de Alberto Gomes de 2003 e 2007) não passa de uma aberração. Caso A. Henriques tivesse mandado cunhar essa peça

em ouro, com letra monetária, assinalando a sua origem, o mais acertado era seu filho o seguisse nessa metodologia. Nenhum dos mais de uma centena de morabitanos conhecidos de Sancho I, apresentam qualquer letra monetária, sabemos que, dos que são conhecidos quase se não encontram peças lavradas do mesmo cunho pelas diferenças que apresentam.

Outras considerações poderíamos acrescentar deste autor, mas o trabalho alongar-se-ia, e o que expomos já dá uma ideia do que pensa José Miguel Noras.

Numisma – Javier Saez Salgado O morabitino de Sancho I, é a primeira moeda de ouro da Nação Portuguesa.... No entanto a gravura escolhida pelo rei e pelos seus conselheiros para o reverso dessa primeira moeda de ouro; transcende a mensagem que se pretendeu mostrar na outra face, num simbolismo com as quinas e os escudetes, mantido sempre ao longo de toda a monarquia e que ainda hoje perdura com a república.

... morabitino, o seu nome deriva no tipo do Dinar almorávida moeda de ouro muçulmana que corria no norte de África e que foi o real e verdadeiro morabitino - veio a ser muito copiado e desvalorizado ao longo do tempo. Foi a primeira moeda de ouro batida no Portugal como reino Independente.

... Para iniciar a cunhagem de ouro do recém-nascido Reino Portucalense, o nosso segundo rei D. Sancho I, copiou o prestigiado morabitino, lançado cerca de 150 anos antes pela dinastia Almorávida, já imitado com sucesso, se bem que diminuí no peso, por algumas das Taifas e pelos reis de Castela e Leão.

... O morabitino de Sancho I, é um excelente exemplar das moedas de ouro portuguesas. Mandados cunhar por este rei foram as primeiras moedas de ouro portuguesas e definem claramente o estilo característico da terra Lusitana.

Esta moeda que serviria de modelo a múltiplas moedas feudais que se cunharam em França, nos Sés. XIII e XIV, com o tipo de “cavaleiro armado “

Dos morabitos publicados de Afonso II e que aqui me ocorrem, os mencionados há mais tempo em leilões são os da colecção Souza Braga, organizada no séc. XIX, um deles *controverso, com a letra B*, mas outro normal, que tinha estado na colecção Abílio Martins. Estão hoje no Museu Numismático Português que também tem outro da colecção de D. Luis I, e ainda outro da antiga colecção Guinle. O Morabito da famosa colecção Meili, com falta de parte, não sei onde está. A colecção do BCP, no Porto, também tem um destes morabitos, mutilado, mas não é o referido atrás. Os três figurados no Catálogo de venda de Carvalho Monteiro, o Monteiro dos milhões, desfeita em 1926 e que incluem outro *dos tristemente afamados pela letra B*, onde estarão? Até hoje nada me constou sobre eles. O exemplar da colecção Eduardo Niepoort, está hoje no banco estatal.

Assim, afastadas estas peças de sonho do alcance dos coleccionadores actuais, só ficam mais três, e estes sim, serão os únicos que poderão aparecer no mercado.

O texto que se mostra a seguir faz parte da apresentação do Catálogo de 1906, de moedas do espólio que pertenceram a Joaquim Gomes de Souza Braga, a sua confirmação do que já se sabia da sua pertença de um morabito de Braga, a curiosidade é que tendo a notícia mais de cem anos, não deixa de referir a duvidosa autenticidade da célebre moeda, um bom contributo para mais este trabalho.



Mário Gomes Marques, escreveu para a cadeira de Numismática da Universidade de Évora, um trabalho sobre a numismática portuguesa e ao descrever a primeira moeda de ouro portuguesa, fá-lo deste modo: ...Quanto ao morabito importa referir que inicialmente produzido em ouro de cerca de 800 milésimos e o peso de 3,8 gr., sofreu em emissões ulteriores, reduções significativas de valor intrínseco, ao mesmo tempo que se elevava o seu valor legal. Pelo contrário, o tipo ficou logo definido com o monarca no anverso cavalcando para a direita, a espada erguida na dextra e, na outra face, 5 escudetes ovóides com besantes, postos em cruz e cantonados por estrelas. De facto a única alteração introduzida constitui na substituição ocasional de uma das estrelas por uma pequena cruz, e, talvez, pela letra B. A reserva quanto a esta última resulta de não haver provas concludentes da autenticidade dos exemplares que exibem, em tempos considerados como produção da mitra bracarense autorizadas por D. Afonso Henriques, em 1128, e hoje relegados, pela maioria dos que consideram genuínos, para a numária de Afonso II. De qualquer modo, é quase pacífica a doutrina de que não terá havido moeda portuguesa de ouro durante a vida do 1º. Rei e de todos os

Espólio de Joaquim Gomes de Souza Braga - Catálogo da Colecção Numismática pertencente ao mesmo espólio, organizado por Augusto de Souza Lobo por ordem do mesmo Consulado (Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro)
Catálogo de Venda da Colecção Numismática pertencente a Joaquim Gomes de Souza Braga, editado no Rio de Janeiro em 1906 e impresso por M. Orosco & Cia.
Joaquim Gomes de Souza Braga era um cidadão português que viveu no Rio de Janeiro e teve sua coleção de moedas, bem com o seus bens, leiloadas por ordem do Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro. A especialidade da coleção eram as moedas portuguesas continentais e coloniais, e nesta última especialidade as do Brasil.
Nas moedas portuguesas, apresentam-se um Leal de D. Duarte, moeda inédita até então, um Português de D. Manuel, Engenhosos de D. Sebastião, várias moedas de D. Antônio e D. Henrique. Também é dessa coleção o famoso Morabito de Braga, moeda de autenticidade duvidosa entre outros 3 morabitos autênticos.
Na seção de moedas brasileiras se destacam as barras de ouro quintadas.
Possui 12 pranchas com inúmeras imagens de moedas.

morabitanos conhecidos podem ser convenientemente atribuídos a Sancho I, Afonso II e Sancho II. Enquanto com a supressão dos morabitanos, Portugal se remetia pelo menos no que a emissões se refere, a um monometalismo pobre, o panorama monetário do Ocidente europeu mudou inteiramente, ao longo do séc. XIII, para se adaptar a uma nova e crescente escala de circulação de bens. Assim em 1252 surge o florim com 3,5 gr. de ouro, e, é lançado o gros tournois, com 4 gr. de prata.



Sancho I - 1185 - 1211



Afonso II - 1211 - 1223



Sancho II - 1223 - 1248



Afonso III - 1248 - 1279 (???)

Respigando algumas frases de um extraordinário texto, de Ferraro Vaz, com o título “O Morabitino de Braga”, com a dissertação dos seus pontos de análise a esta moeda que se atribui a Braga, o autor orgulha-se desse facto por ter nascido nesta cidade.

Vamos tentar extrair do texto algumas frases, com o cuidado de que a nossa selecção não possa descaracterizá-lo e alterar o quer que seja que prejudique a intenção do autor.

O que aponta Ferraro Vaz para acreditar na veracidade de que o morabitino tenha sido cunhado em Braga? Seria ouro sobre azul se... a primeira moeda de ouro portuguesa tivesse sido batida na sua terra.

Antes da descoberta deste morabitino em 1872, em Ruães – Braga, já antes Caetano de Sousa em 1738, e Lopes Fernandes em 1856 tinham escrito sobre esta peça e não o referenciaram com marca de casa de cunhagem... em 1874, Teixeira de Aragão, aceitou a moeda como genuína e descreveu na sua obra o exemplar pertencente à colecção de Eduardo Luis Ferreira do Carmo, como morabitino Alfonsi, do nosso primeiro rei, D. Afonso Henriques.

Desde Aragão, o então, tão chamado morabitino de Braga, tem sido severamente criticado por vários autores, considerado falsificação. Pensaram assim, Leite de Vasconcelos (1894), Ferreira Braga (1917) e Batalha Reis em (1940), os argumentos do primeiro e do segundo não são convincentes. Batalha Reis especulava e fundamentava com base no conhecimento da moeda de alguém que tinha conhecido o Sr. Toro.

A estória de Toro, já nós a explicámos, resumidamente mais acima, englobada no seu Dicionário de Numismática Portuguesa., com o título “Morabitino Alfonsi”... em que afirma que a moeda tinha sido cunhada por um forjador aldrabão que trabalhou para ele no séc. XIX, e quando a comprou já sabia que era falsa, e sabia que o senhor Eduardo Luís Ferreira do Carmo, possuía outra na sua colecção e sabia muito bem a sua procedência.

Em 1926, aparece um segundo morabitino com a mesma marca monetária, **B** de Braga e na observação constatava-se que nos cunhos que os gravaram existiam diferenças, não se colocando em causa a sua genuinidade, com esta interpretação dos instrumentos que os lavraram. Na altura em que está a escrever este texto, Ferraro Vaz, afirma ter conhecimento da

existência dos dois morabitanos com estas características, lembrando os dois artigos de Toro e Aragão, entrando seguidamente na comparação existente nos módulos e nos pesos e na apreciação das legendas dos morabitanos conhecidos, de Sancho I, Afonso II e Sancho II, e na análise que efectuou afirma que os morabitanos de Braga, estão dentro dos parâmetros da peça do segundo Afonso, inferior para a de Sancho I, e superior para o único que se conhece de Sancho II.

Quanto à legenda DOMINI I AFNSI, põe como mera hipótese de pertencer a Afonso I,... e esta discrepância poderá ser mais um argumento contra a genuinidade da peça. Continua a afirmar que há boas razões para defender a posição contrária (aceitar a moeda como cunhada em Braga), recorda o documento da autorização dada por Afonso Henriques, à Sé de Braga, em 27 de Maio de 1128, para cunhar moeda com benefício dos seus proventos, que também já desenvolvemos mais acima, e regista as dificuldades dos Bispos de Braga, por terem outros motivos que não lhes deram possibilidades de cunharem moeda de ouro e será logo admitido que o nosso rei, preocupado em combater os mouros, e no alargamento do território tenha deixado de pensar na cunhagem de moeda de ouro, “ lembremos que os cofres do reino ficaram bem recheados de morabitanos ou maravedis mouriscos, e o clero bem beneficiou deles, porque Afonso Henriques lhes comprou a troca de moedas de ouro reluzentes tudo o que lhe interessava fazer, mesmo contra a vontade papal”, optou por uma pequena cunhagem de moeda de bolhão “dinheiro”, com o objectivo principal de representarem um sinal de soberania.

Em 1185, Sancho I, chegava ao trono e dada dilatação do reino para sul, já justificava uma expansão monetária moderada e como o ouro muçulmano lhe corria pelas mãos, começou a cunhar o morabitino (hoje, conhecem-se cerca de duas centenas deles deste rei).

Coloca ainda como hipótese de se terem implementado as primeiras cunhagens episcopais realizadas por D. Martinho Pires, já durante o reinado de Afonso II, 1223 –1248; é razoável pensar muito provavelmente que

durante o reinado deste rei e por um certo período, as moedas eram na verdade cunhadas pelo bispado de Braga. Se aceitarmos esta ideia e se considerarmos os morabitanos com a letra **B**, como evidência, verdadeiros (apesar de serem antigos), da cunhagem episcopal, então ficará por explicar a legenda DOMONI I AFNSI, que se pode traduzir por (Lord) D. Afonso I, ou (Lord) Infante Afonso. A legenda indica a entidade que atribui o privilégio, proposta esta, apoiada pela opinião de António Vives, que no seu livro, *La Moneda Castellana*, disse: sabido es cuando los seroos conseguian de los reges el derecho de acuñaciòn poniam sus nomes y el nobre del monarca que les otorgaba tal merced, continuando-se com frequência esta mención mucho tiempo después de muerto el rey mismo que la otorgò. Consequentemente as legendas dos morabitanos obedeceriam a esse uso, embora cunhados durante o reinado de Afonso II, elas mencionariam a individualidade que atribuí a privilégio de cunhagem, quer dizer ao primeiro Afonso.

Termina Ferraro Vaz, com um facto que vem deitar por terra todos os argumentos dos que são a favor da autenticidade da moeda como sendo de Afonso Henriques e cunhado na Casa da Moeda de Braga, com a letra **B** (em parte o próprio autor se coloca entre estes).

No entanto, um novo tipo de informação foi recentemente obtido sobre este assunto. A análise o exemplar existente no Museu Numismático Português, efectuada por espectrometria fluorescente de raio X, parece ter revelado que a moeda foi cunhada a partir de uma liga que é praticamente idêntica àquela das moedas de ouro portuguesas do séc. XIX, e muito diferente àquelas usadas para cunhagem dos autênticos morabitanos. Portanto temos de admitir que se esta informação vier a ser provada, sendo verdadeira, representará um argumento quase decisivo contra a hipótese da genuinidade do morabitino de Braga.

Em Simpósio realizado em Santarém, em 1984, reuniram-se no Instituto Politécnico de Santarém, para clarificar o que cada um dos presentes entenderam desenvolver sobre alguns temas, como: a) os morabitanos **B**; b) quantas

Casa da Moeda houve até Afonso III, e onde funcionaram; c) atribuição de dinheiros; d) quais são os dinheiros feitos por cada uma das Casa da moeda? Estiveram presentes vários investigadores numismáticos portugueses, de registar as participações, não só do autor, mas também de Paulo Ferreira Lemos, Nuno Gonçalves, Mário de Castro Hipólito e Francisco Mendes Magro, entre outros.

É de Mário Gomes Marques, que vamos copiar algumas palavras, novamente, por já termos atrás exposto um pequeno texto sobre o morabitino, escrito em outra fase de tempo, para a Univ. de Évora, e segundo as palavras deste grande mediavalista, no II Congresso Nacional de Numismática, a Casa da Moeda, autorizou a recolha de dados no Museu Numismático Português relativos à coleção de morabitanos.

Mário Gomes Marques e o Eng.º. Peixoto Cabral, procederam à análise, por espectrometria de fluorescência de raios X, dos onze morabitanos daquela instituição.

Da análise resultou a confirmação do que Ferraro Vaz já tinha escrito de que a genuinidade do morabitino **B**, estava em causa, e que tinha sido obtido com ouro de moedas correntes, no séc. XIX.

E, continua a afirmar: “Julguemos que este dado vem confirmar a afirmação do conselheiro Vargas, mencionada por Batalha Reis, de que os morabitanos de Braga haviam sido forjados pelo gravador Manuel Granadeiro, de Viseu, por encomenda de José Amaral do Toro. Batalha Reis já o havia dado à estampa no seu livro sobre os morabitanos, citado mais tarde por Ferraro Vaz na sua obra sobre a “Numária Medieval Portuguesa”. Portanto, o assunto do morabitino “de Braga” parece arrumado à muito.

Sendo o tema do nosso trabalho, o Morabitino **B** de Braga, atribuída a sua cunhagem erradamente a Afonso Henriques, não deixámos de aproveitar para aflorar um pouco pelas restantes peças em ouro, também morabitanos que os nossos monarcas, Sancho I, Afonso II e Sancho II, cunharam; destes não restam dúvidas

de que são autênticos porque as imagens que nos foram apresentadas desde o séc. XVII, pelos nossos investigadores até aos nossos dias, e a sua história, não mentem.

Sabemos também através de documentos coevos, que o nosso rei Afonso III, teve autorização dos representantes na Corte de Coimbra realizadas em 11 de Abril de 1261- Livro I, Af. III, fls 51, para cunhar morabitanos, sem que para isso lhe fosse exigido compromisso escrito, como o foi para a cunhagem de dinheiros “novos”, e se os não o fez foi porque o metal precioso que seria necessário não abundava no reino e a moeda de ouro estrangeira, mourisca e outra resolvia os problemas económicos e comerciais, a Europa estava a sair do monometalismo de um ciclo de muitos anos, com a criação de moedas de ouro, em 1252 o Fiorino (florim) de Florença, República Florentina; o Ducat de Venice (Veneza) de Giovanni Dandolo, 1280-1289; o Royal d’oro de Philip IV, le Bel, o dennier de la reine, France 1285-1314; o Ducat de Hamburg “Germany” 1222.

Acontece, que até à bem pouco tempo com muitos anos de investigação não foi possível desde Aragão, encontrar na numismática portuguesa um exemplar em ouro que o nosso rei “Bolonhês” tivesse mandado bater, e a numismática sobre o assunto estava silenciosa pela impossibilidade de conseguir mostrar mais uma das tais moedas portuguesas que se encontram em lugar incerto.

Em Dezembro de 2007, o mundo numismático foi alertado através de um leilão anunciado no site da Empresa francesa CGB, Revista nº. 42, datada de 06 de Dezembro de 2007 de que ia ser leiloadada uma peça inédita e única da numária de Portugal, um Morabitino de ouro do nosso Rei Afonso III, ia à praça pelo valor inicial mínimo de 75 mil euros.

Esta notícia caiu com muito espanto e surpresa, nos mundos da numismática, os fóruns, sem investigadores preparados e com capacidade para numa primeira fase esclarecer os seus membros apesar de possuírem excelentes colecionadores, estes não deixaram logo, de individualmente fazerem as sua análises e os

respectivos reparos e comentários e foram muitos a fazê-lo, o tema o exigia que se fizesse uma análise mais profunda.

A apresentação da moeda no site que anunciou a sua ida a leilão, em 06 de Dezembro de 2007, é excelente e bem desenvolvida, tentando levar os colecionadores a interessarem-se pela sua aquisição, ao demonstrar por A mais B, de que se tratava de um morabitino que não deixava dúvidas, moeda única! Será verdadeira, não será, e por cá foram os menos entendidos numismatas divergindo sobre a sua veracidade.

Foram tantas as divergências no morabitino em relação aos seus semelhantes, que não vamos aqui expô-las, deixemos somente a nossa opinião, sem que para isso nos tivéssemos que debruçar sobre a sua análise, cuja capacidade também não ajuda mas, há algo que ao observarmos na moeda, ou pela legenda, tipo de letra, confrontada com as suas antecedentes, o próprio escudo em cruz, que só aparece mais à frente na numária de seu filho D. Dinis, em um Tornês de prata, que quando apareceu deixou algumas dúvidas mas com boa investigação se dissiparam, por outro lado a disposição das 5 quinas (besantes) também em cruz, nos deixa reparos, pois que em toda a numária de bolhão do nosso 3º Afonso foram efectuadas muitas fornaças da cunhagem de moeda, pelo menos em 3 fases distintas ou septénios (7 anos), não vimos tipologia semelhante e já observamos centenas de dinheiros “novos” deste rei em que os escudetes não apresentam a configuração dos que o morabitino nos mostra, os besantes nas peças de bolhão não estão dispostos do mesmo modo e o a sua quantidade é aleatória, ora 4, ora 5, 6 ou mais, só a partir de seu filho se uniformizou a sua posição em aspas até hoje nas armas portuguesas.

A legenda religiosa que a moeda apresenta no anverso similar à de Sancho I, também deixa as suas dúvidas e se nos voltarmos para a sigilografia deste rei, os escudetes ovóides ou

amendoados que se observam nos selos e em documentos de transacções na cidade de Lisboa, estão distantes dos que se vêem na peça que estamos tratando, onde os mesmos selos de chumbo ou de cera com fita apensa se apresentam polvilhados de besantes em elevada quantidade.



6 besantes em aspas em números diversos

1271

1268

1276

Os nossos colegas mais entendidos e especialistas, que façam a sua análise ao Morabitino, se não a fizeram, talvez por não justificar que mereça alguma atenção, no entanto, registámos o comentário de um deles, num desafio que lhe foi lançado num fórum e, laconicamente respondeu para que todos entendessem - Jsalgado, dizendo: “não consigo encontrar nada que me convença da sua veracidade” e, rematava com uma frase de Batalha Reis dizendo que para definir a autenticidade de uma moeda - “Basta olhar”.

Ao que julgamos saber a moeda foi arrematada pelo valor que iniciou, que estava estabelecido em 75 mil euros.

Terminamos este ensaio, com uma frase que acabamos de encontrar também num trabalho de que gostamos bastante sobre “As legendas religiosas das moedas portuguesas” em 1911. Dizia o autor: “sem dó e com justiça, atribui, leitores, à nossa ignorância os erros que vos pareçam filhos dos enganos”.



BIBLIOGRAFIA

- A. FERREIRA GAMBETA – História da Moeda Portuguesa, Vol. I
- ANAIIS – Academia Portuguesa de História, Vol. II
- A. PAASHAUS – “ In “ Forum de Numismática
- A. CAETANO DE SOUSA – Hist. Genealógica da Casa Real Portuguesa, Tomo IV – Ano de MDCCXXXVIII
- A. C. TEIXEIRA DE ARAGAO. Description des monnaies, médailles concernant l’histoire Portugaise du Travail : Monnaies des Roi de Portugal 1867 pg. 36
- A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO – Desc . Geral e Hist. Das Moedas Cunhadas nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal - Vol. I, pg. 144 e Est. II
- CGB – Boletim nº. 42 de 06 de Dezembro, 2007 – Leilão do morabitino de Afonso III
- J. FERRARO VAZ - O morabitino B de Braga - Numária Medieval Portuguesa
- FERREIRA BRAGA –in “Archeólogo Português” – Moedas da 1ª. Dinastia
- JSALGADO – In forum de numismática
- P. J. BAUTISTA DE CASTRO - Mappa de Portugal - Tomo I e II - ano de MDCCLXII
- J. SANTA ROSA VITERBO - “In” Elucidário
- J. AMARAL B. DO TORO -Dicionário de Numismática Portuguesa.
- J. L. SALDANHA OLIVEIRA E SOUSA – Frase final do nosso tramalho – Legendas religiosas das moedas portuguesas
- J. M. DE FRANCISCO OLMOS – El Maravedí de Oro de Alfonso VIII, un Mensaje Cristino escrito en Árabe, pg 226 – La aparicion de
- J. M. DE FRANCISCO OLMOS -- Leyendas Cristianas de los Reinos del Occidente, pg 151
- M. B. LOPES FERNANDES - Mem. das Moedas Correntes em Portugal desde os Romanos até 1856 – pg 28
- M. SEVERIM DE FARIA - Notícias de Portugal, Discurso IV pelo Pe D. Jozé Barbosa - Ano de MDCCLX
- Maravedis - Morabetino (Oro): Moneda Espanhola Maravedis.Org
- M. J. FERRO – Catálogo de Moedas Portuguesas do Gab. da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1185 – 1383 / Pª o Estudo das Moedas de D. Dinis, pg. 202
- M. GOMES MARQUES – Enciclopédia Luso Brasileira, pg. 694, trabalho para a cadeira de Numismática da U. Évora. EProblems of Medieval Coinage in the Iberian Aerea –Simpósio de Santarém-1984
- J. SALGADO - Numisma; parte de textos inseridos nas Revistas nº.s 22 ; Nº. 34 ; na de 28 Novº., 1996 ; nº.69, etc.
- P. BATALHA REIS - Comunicaciones al XV Congresso Intern. de las Ciência Genealógica, por Inst. Salazar y Castro (Madrid)
- R. FERREIRA GONÇALVES – Revista de Guimarães – IV Encontro de Numismática da Soc. Martins Sarmiento em 1983
- The Fitzwelliam Museum Online Catalogue